Novidades
(16-4-53)

Centro de Documentação e de Publicação
Fundação Cuidar o Futuro

Fundação Cuidar o Futuro

JUVENTUDE E CULTURA

Sob a presidência do Senhor Cardeal Patriarca

ESTAR PRESENTE SERVIR A IGREJA

ABRIU ONTEM NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

O I CONGRESSO NACIONAL DA J. U. C.

Foi solenemente inaugurado ontem à noite, no Instituto Superior Técnico, o Primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica. A brilhantíssima sessão a que se dignou presidir Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca realizou-se no amplo pavilhão de oficinas, por não haver salão que pudesse comportar o elevado número de congressistas e convidados. Acorreram muitos milhares de jucistas que entusiàsticamente vincaram a sua inteira compenetração nas directrizes do Congresso: *Estar presente e Servir a Igreja.*

Desprovido de ornamentações, o amplo salão oferecia, porém, aspecto deslumbrante, dada a enorme multidão que o enchia, salientando-se estudantes das Faculdades de Lisboa, Porto e Coimbra, e a presença dos ilustres Prelados, entidades oficiais e elevado número de eminentes catedráticos.

Por entre calorosas ovações, Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca deu entrada, acompanhado pelos Ex.mos Arcebispos e Bispos, pouco depois das 21 horas e meia. Na presidência, ladeavam Sua Eminência as seguintes entidades: Monsenhor Moreira, em representação do Senhor Núncio Apostólico; Prof. Dr. Pires de Lima, ministro da Educação Nacional; D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Mitilene; Dr. Belard da Fonseca, director do Instituto Superior Técnico; dr. Bernard Ducret, secretário-geral do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos — Pax Romana; Prof. Dr. Fernando Magano, D. Maria de Lourdes Pintassilgo, presidente da J. U. C. F.; e dr. Adérito Nunes, presidente da J. U. C..

Nas primeiras bancadas viam-se os Srs. Arcebispo de Évora, Arcebispo-Bispo Conde de Coimbra e Bispos de Beja, Porto, Priene, Eureia e Bispo Auxiliar de Aveiro; numerosos catedráticos, entre os quais, os srs. Profs. Drs. José Gabriel Pinto Coelho, Gonçalves Rodrigues, Gomes da Silva, Cordeiro Ramos, Moses Amzalak, Toscano Rico, Joaquim Fontes, Braga da Cruz, Lopes de Andrade, Correia de Barros, André Navarro, Cassiano Abranches, Magalhães Ilharco, D. Manuel de Bragança, Amândio Tavares, Neves e Castro, Fernando Marques, Santos Júnior, Ivo Soares, Almeida Costa, Carlos Braga, Rios de Sousa, Brito Cunha, Moreira de Sá, Pires Cardoso, D. Leopoldina Paulo, etc. Entre as restantes entidades de maior relevo viam-se ainda os srs. Engs. Carlos Alves, Galamba de Oliveira, Manuel Vieira, Cónego José Amaro Teixeira, vice-reitor do Seminário dos Olivais; dr. Paiva Boléo e todos os assistentes eclesiásticos dos diversos organismos da Acção Católica.

Representava as «Novidades» e o seu director — Monsenhor Dr. Avelino Gonçalves — o sr. Padre Miguel de Oliveira.

Por entre vibrantes salvas de palmas, deu-se início à sessão solene com a leitura de um telegrama recebido do Vaticano, que damos em lugar de merecido relevo, e que toda a assembleia ouviu atentamente de pé e, no fim, sublinhou com quentes aplausos. Também foram lidos e demoradamente aplaudidos os telegramas enviados ao Santo Padre e ao Senhor Presidente da República, que damos noutro lugar.

Fala o Presidente Geral da J. U. C.

O primeiro orador da sessão foi o presidente-geral da J. U. C., dr. Adérito Nunes.

Depois de ter saudado o Senhor Cardeal Patriarca, o sr. Ministro da Educação Nacional, os reitores e professores universitários presentes e os delegados das federações académicas estrangeiras, o sr. dr. Adérito Nunes explicou os motivos por que se organizou entre nós um Congresso sobre a Universidade, exaltando-a simultâneamente como centro de formação da «élite» dum País e como ponto da mais elevada concentração do saber.

Da Universidade irradia constantemente um grupo de homens destinados a postos de direcção social. Que deve ela fazer para que este grupo constitua verdadeiramente um escol? Na Universidade concorrem todos os ramos do conhecimento. Que poderia ela fazer para salvar a necessária unidade da cultura?

Em resposta a estas duas perguntas, desenvolveu largamente a natureza, a missão e a responsabilidade social da instituição universitária.

O que a Universidade deve ser — disse a propósito —, em ordem à formação do grupo que nela se prepara para as tarefas de comando social, depende naturalmente das *qualidades* que esse grupo deve possuir. Determinando-as, são os próprios fins da Universidade enquanto Escola Superior que se determinam.

Ora, a primeira de tais qualidades é que constitua efectivamente um autêntico escol intelectual. Assim como o indivíduo e toda a sua vida se desiquilibram quando a razão deixa de bem operar, assim na sociedade, a paz, o bem-estar, o correcto funcionamento e evolução do todo dependem estreitamente da normalidade e equilíbrio e do rigor da inteligência daqueles cujas acções e ideias adquirem uma projecção multiplicada e transformante pelo simples facto de ocuparem posições de chefia. Chefe é aquele que está à cabeça, ou melhor ainda, aquele que é a cabeça — como ensina Coutois. Ora é a cabeça que «vê, pensa e promove a acção num interesse comum de todo o corpo». Por isso, a primeira condição para ser bom chefe, mòrmente nos casos de grande responsabilidade, é possuir uma «inteligência bem feita», um espírito rigoroso e metódico, uma independência de iniciativa e de juízo, uma plenitude de desenvolvimento das capacidades de compreensão e de crítica.

A seguir, o orador falou da ciência, da cultura e do profissionalismo, e do lugar que cada um destes elementos deve ocupar na Universidade, em vista do fim essencial que ela se propõe, tal como acabava de o apresentar. Acrescentou, porém, que isso, posto que muito, não basta. Para formar o escol, não interessam apenas as qualidades intelectuais. Mais importantes que elas, são as qualidades morais e o espírito cívico. Tem razão Charmot ao afirmar que «nenhuma qualidade particular basta por si só para fazer um bom espírito; o maior «ruído» ou o maior artista dos homens pode ainda ser um espírito falso e perigoso». Com efeito, «quanto mal não causaram ao mundo certos génios transviados! O privilégio dos bons espíritos é a plenitude, é o acordo das qualidades opostas, e a harmonia das notas complementares».

Como ensina o provérbio, uma nota desafinada desafina todo o instrumento. Por isso a Universidade, passando além do campo meramente intelectual e profissional, não pode ser indiferente ao «tipo de homens» que dela saem mas pelo contrário tem de cuidar que sejam moralmente valiosos, consciente das suas responsabilidades sociais e nacionais, interessados e esclarecidos na problemática fundamental do seu tempo e devotados ao bem comum.

Com isto não se deve esquecer — referiu o orador — que a missão da Universidade é ainda mais vasta. Independentemente dos homens que por elas passam e que elas têm a missão de formar para a condução da vida social as Universidades são também grandes focos em que concentra e labora a cultura. Nas Universidades «reúnem-se todas as competências, todas as formas, todos os aspectos da cultura».

A terminar, disse mais:

São estes os grandes traços do conceito de Universidade que inspira os trabalhos do Congresso que hoje se inaugura. E por que motivo se adoptou como tema: a Universidade e o Pensamento Católico? Porque os organizadores entenderam que os problemas Universitários só podem ser apreendidos no absoluto da sua profundeza, quando encarados do ponto de vista duma concepção integral do mundo, do homem e da vida.

Por conseguinte, estudar o problema da Universidade à luz do pensamento católico — que não é mera hipótese ou uma teoria qualquer da realidade, mas adequada expressão humana da verdade absoluta e eterna — é colocá-lo na perspectiva que realmente lhe convém, em particular nestes tempos em que «os erros terríveis do materialismo e do naturalismo evidenciam a vacuidade duma filosofia construída sob fundamentos puramente humanos» e provam a razão que assiste a Pio XII ao afirmar que todo o pensamento «que negue a interna e essencial conexão com Deus de tudo o que se refere aos homens ou prescinde dela, segue um caminho falso, e, enquanto com uma das mãos controi, com a outra prepara os meios que, tarde ou cedo, porão em perigo ou destruirão a obra».

Mensagens de saudação

Em seguida, foram lidos muitos telegramas e mensagens de saudação ao Congresso, vindas de todo o País, do Ultramar e de vários países estrangeiros. Entre as mensagens contam-se as dos estudantes católicos da Universidade de Madrid e do Colégio Maior de S. Pablo de Salamanca; dos estudantes católicos ita-

(Continua na 3.ª página)

TELEGRAMA
ENVIADO
A S. S. PIO XII

Sua Santidade o Papa Pio XII
Cidade do Vaticano

Universitários da Acção Católica Portuguesa, reunidos em número de 1.900, no seu primeiro Congresso Nacional, sob a alta presidência do Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa e na presença do Venerando Episcopado, agradece comovidamente a Vossa Santidade a augusta mensagem que por intermédio da Secretaria de Estado se dignou de lhes enviar e protestam a sua dedicação inquebrantável à Santa Igreja e a sua filial submissão ao Vigário de Cristo.
Os presidentes
Maria de Lourdes Pintassilgo
e Adérito Nunes.

TELEGRAMA
ENDEREÇADO
AO SENHOR PRESIDENTE
DA REPUBLICA

Sua Excelência o Presidente da República
Lisboa

Universitários católicos, reunidos em número de 1.900 no seu 1.º Congresso Nacional para estudar os problemas da Universidade à luz do pensamento da Igreja, saúdam respeitosamente V. Ex.ª, afirmando o seu vivo desejo de trabalhar pelo engrandecimento da Nação Portuguesa.
Os Presidentes
Maria de Lourdes Pintassilgo
Adérito Nunes.

E' de lamentar que em País de tantas tradições católicas não haja ainda uma Universidade Católica

—disse, no seu notável discurso, o SR. ARCEBISPO DE MITILENE

CONGRESSO NACIONAL DA J. U. C. — Aspecto d sessão inaugural

PROBABILIDADES DE PAZ para todos os povos em 1953

— um importante discurso do Presidente Eisenhower

AUGUSTA (Geórgia), 15 — O Presidente Eisenhower pronuncia amanhã um importante discurso, sobre o tema «Probabilidades de Paz para todos os Povos em 1953», num almoço da associação dos editores de jornais americanos. O discurso será radiodifundido e transmitido pela televisão às 18 hs. (T. M. G.).

Para fazer este discurso, o Presidente interrompe as férias de uma semana que está passando em Augusta, com pessoas de família.—(F. P.).

OS VOTOS PATERNAIS DE SUA SANTIDADE

É tarefa das organizações da Acção Católica Universitária preparar apóstolos para a Igreja e para a Pátria

O Sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, Presidente da Acção Católica Portuguesa, recebeu de Monsenhor Montini o seguinte documento:

SECRETARIA DE ESTADO DE SUA SANTIDADE

Vaticano, 9 de Abril de 1953

Excelência:

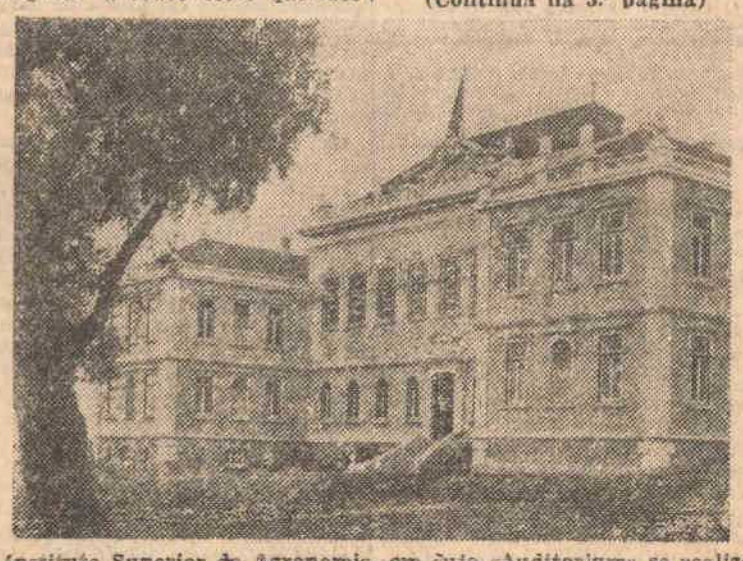
Na véspera do primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, masculina e feminina, de Portugal, o Soberano Pontífice compraz-se em responder ao vosso filial pedido dirigindo a todos esses queridos jovens reunidos em Lisboa os Seus votos paternais.

«O pensamento católico e a Universidade», tal será o tema desta assembleia, que se realizará sob o patrocínio do episcopado português, com a participação de professores das três universidades do país. Uns após outros serão aí versados os múltiplos problemas que hoje põem à consciência dos estudantes a penetração e a irradiação da fé cristã em todo o seu pensamento e em toda a sua vida.

Neste tempo pascal, em que a Igreja celebra a ressurreição do Salvador, garantia duma fé inquebrantável e princípio dum alento apostólico sempre novo, os jovens congressistas gostarão de reflectir, com lucidez e confiança, nas suas obrigações intelectuais, nos seus deveres morais, nas suas responsabilidades sociais. Não serão aliás guiados neste estudo pelas orientações que Sua Santidade há poucos meses dirigia dum modo particular aos membros do Congresso internacional de Pax Romana?

O apostolado intelectual é difícil. Tanto como qualquer outro é estéril sem a graça haurida na oração e na frequência assídua dos sacramentos; mais que mui-

(Continua na 3.ª página)



Instituto Superior de Agronomia, em cujo «Auditorium» se realiza hoje à noite a serenata pelos estudantes de Coimbra

Novidades
16/4/53

O Congresso Nacional da J. U. C.

(Continuação da 1.ª página)

lianos, brasileiros e paraguaios; estudantes católicos lituanos no exílio, estudantes católicos exilados na Holanda, Federação Francesa de Estudantes Católicos, etc. Todos os Prelados portugueses que não puderam vir ao Congresso enviaram também telegramas ou mensagens de saudação.

A escola dá-nos uma técnica mas a vida pede-nos uma norma

—disse o Prof. Dr. Fernando Magano

O sr. Prof. Dr. Fernando Magano, que falou a seguir, disse:

«Parece-me singularmente expressivo este Congresso.

Afigura-se-me, mesmo, algo de novo.

Colocado, pessoalmente, em posição de haver observado, com algum rigor e muito interesse, os movimentos internos e externos da Universidade, tenho meditado em muitos dos seus problemas.

Não irei, agora, porém, antecipar-me ao Congresso e às lições, seria desproposito.

Seja-me permitido, entretanto, com uma cordial saudação a estes magníficos rapazes, uma breve, brevíssima, intromissão...

Quem quer que se debruce um pouco sobre a vida da Universidade, fàcilmente dá conta que há um *mal* na Escola. Certo *mal*, coisa para muitos indefinida, mas coisa ou padecimento ou imperfeição que a todos diz não estar certa a Escola, assim como está.

A inquietação pelo destino da Universidade, a dúvida sobre o seu futuro funcional não é só da nossa nação, nem mesmo é só latina, é ecuménica — visto que em toda a parte onde o problema se propõe, se há chegado à conclusão de que a estrutura actual é imperfeita, não satisfaz os anseios nem de professores, nem de alunos.

Não é caso agora de nos determos na observação de certas condições de ensino científico, que em algumas partes são simplesmente confrangedoras.

No sentido da cultura, isto é, da outra função docente que consiste em preparar o homem de ciência para a vida, em ordem a que ele se valorize como pessoa e administre criteriosamente o seu saber, nesse sentido, supra-científico, é por demais sabido que a Escola actual não pode, ou pode mal, e sofre por não poder melhor...

Delineada para uma certa época histórica, tem-se a impressão de que tal esquema está fora do nosso momento — e sobretudo tem-se quase a certeza de que na sua orgânica actual a Escola não servirá para os momentos que aí vêm...

São então, os alunos, mais livres de movimentos, desinteressados e generosos, que se agitam, ordenadamente...

A vida ainda os não prendeu nas cadeias dos interesses que amolecem as puras iniciativas intelectuais; a vida poupou-os ainda às incertezas da falta de sinceridade — mas deu-lhes já a experiência do trânsito escolar e sofrem-na directamente.

Então, que estranhar que perguntem? que solicitem? que roguem, para os que hão-de vir, algo, algo de diferente, de mais nobre, mais alto e mais acolhedor?

Tomam parte nestes anseios, ou ao menos nesta frequência, todos os alunos da Universidade? Está claro que não; muitos, muitíssimos andam por aí...

Há alunos «velhos», filhos de uma fase universitária cujo módulo era a «dispersão», alunos que só cuidam, quando cuidam, de ganhar uma frequência para obterem um resultado de exame... Talvez não sejam pessoalmente culpados; pois se é a própria orgânica escolar que mantém a «dispersão»...

Há alunos, nem novos nem velhos, para quem o narcisismo e as futilidades são o triste suporte dos seus dias vazios!

E há alunos, que tomam e preparam estas iniciativas de cursos para-profissionais e de congressos: inquirem com seriedade, procuram, pedem elucidações. Há que ouvir-lhes as perguntas, tomá-los a sério nas suas dúvidas, há que conviver. Sobretudo quando a lealdade se lhes estampa nos olhos e o desinteresse é um brado de alma.

Desinteressados, sinceros e não estabelecidos no viver, assim os vejo — e por isso, com autorização do meu Reitor, os acompanho.

Estes, os que aqui estão, vêm do coração da Igreja; nela aprenderam, com o resto, o sentido da disciplina, nela ordenaram os seus inquéritos; em silêncio estudaram; e só desejam colaborar.

Cabe aqui dizer, desde já — que nestas fileiras da Acção Católica está sempre presente ao espírito e à acção de cada qual o ensinamento do Livro Santo: um é o que semeia, outro o que colhe — isto é, aquele que fala ou actua não lhe é prometido prémio algum nos reinos deste mundo, a não ser a paz da sua consciência, ainda que obtida à custa de dores sem história.

Indiferença e responsabilidade

Há anos um pedagogo português, o dr. Agostinho de Campos, em singelo artigo de jornal diário, (*Comércio do Porto* — 19-2-933), ensinou esta sentença lapidar:

«As formas superiores do ensino devem ter em mira, consideradas pelo seu aspecto mais prático e directamente social, a formação de dirigentes. Ou funcionam como escolas de verdadeira aristocracia, ou não são formas superiores de ensino».

Esta aristocracia, o mesmo pedagogo no-lo ensina, a única aceitável, vem a ser a da inteligência e do carácter — e ela exclui logo o «não saber» e o «egoísmo».

Poder-se-á então dizer que as Universidades são obrigadas a preparar as *Aristocracias do saber e da doação*.

Suponho ser esta, magníficos universitários *Jucistas*, a fórmula dos vossos anseios: responsáveis, esclarecidos, e por isso voluntariosos no mundo para que vos preparais.

Herdámos uma escola da indiferença, sonhamos uma escola da responsabilidade.

Porque é um problema sério, o da nossa pobreza *formativa*, ou melhor *normativa*, nossa, de nós, os técnicos duma profissão; problema grave até, em face das solicitações intelectuais e das posições de comando em que cada um dos universitários se pode vir a encontrar na vida...

A escola dá-nos uma técnica, mas a vida pede-nos uma norma.

E o pior é que os homens supõem que lá pelo facto de usarmos um diploma e realizarmos uma especialização também somos mentores. E é que o devemos ser. Mas não sabemos sê-lo. Anda aí à vista...

Confessadamente ou não, andam os universitários aos baldões — ou ao menos seguindo mais por intuição de que por segura formação crítica um certo rumo, quantas vezes sem personalidade alguma.

Duas imperfeições

A Escola não «forma» a generalidade dos homens. E como ela, a Escola, não tem doutrina, deixa-se fàcilmente conquistar por este ou aquele que se arvora, ousadamente, em seu mentor.

Duas imperfeições: nem os homens que dela saem podem seguramente definir-se na medida das suas próprias responsabilidades, nem ela, a Escola, se define a si própria.

Não conta, a aula, nem por si nem pelos seus, na evolução geral da inquietação da sua hora, na definição dos problemas comuns que interessam aos homens, não é ouvida nem achada.

Certo, ela trata da ciência... oh! a comodidade da posição... enquanto a seus pés o rio flui e reflui...

Alguns homens de ciência, quando argúem contra a fé, oferecem os seus argumentos, que já não são científicos, como quem atira pedradas ou, quando menos, como quem ostenta negações.

Transpostas as posições pessoais, a geração que lá vem toma conta da descoberta em si mesma, desdobra-a, integra-a e louva o Senhor que criou e o homem que expôs.

Em matéria de ciência e de fé, quantos, propagandistas ou divulgadores ou especulativos partidários, argúem por oposição, servindo-se de um cientismo obsoleto, andam tristemente desorientados e não estão na sua hora. A ciência que invocam para as suas negações ou caricaturas é mero anacronismo ou propositada deformação.

Dir-se-á que o mestre actual só deve cuidar do tecnicismo dos seus alunos. Não Nunca! Porque a mesma técnica vai ser posta, pelo comum dos escolares, ao serviço de pessoas, directa ou indirectamente.

É, pois, necessário que o mestre, sem se cercear no que quer que seja do conhecimento científico, não esqueça nem iluda o uso que o mesmo conhecimento pode vir a ter em bem ou em mal. E como a escolha deste bem ou deste mal depende, em última análise, do profissional que tem de utilizar o conhecimento, segue-se que o mesmo profissional há-de saber conscienciosamente, isto é, com apurada consciência, qual o fim do seu esforço técnico na projecção benéfica ou maléfica sobre os outros, os outros seus iguais a quem se dirige o saber.

Redemoinhos e alvoradas

Uma vez mais na história do Mundo, neste momento de confusões de toda a espécie, a Igreja espevita as consciência e esclarece as inteligências. Uma vez mais, isto é, como sempre. Mas a nossa hora é tumultuária. Vivemos um momento em que o curso das águas é salpicado de redemoinhos. E então, no contraditório das atitudes e no desvairo das opiniões, a Igreja, sobrenadando o efémero, diz a palavra, ensina a lei, aconselha e esclarece. Os homens, porém, envolvidos nas paixões, transviados em seus próprios propósitos, ou não ouvem, ou não querem...

E dão-se a catastróficos programas que realizam a insensatez.

Bem se sabe: os redemoinhos passam e as águas voltarão a seguir seu sossegado curso; mas, entretanto, submergem-se e afogam-se energias e riscam-se gestos desordenados.

Destas desordens andam por aí exemplos aos milhares.

Mas já se vão entreluzindo amostras de melhores dias.

Não é que estes períodos um pouco desordenados sejam de todo inúteis. Até parece que em sua aparente desordem albergam lá no fundo sementes de futuras novas edificações. Nem há que tomar a posição de lamentações puras: a vida é assim, flui, corre, cresce, semeia e floresce... para apodrecer e renovar-se.

Como o «Espírito» sobrenadando as águas, a Igreja, tomando conta do seu tempo temporal, vê as coisas intemporalmente. E então diz a palavra que fica, a palavra que fica porque já era.

Mas a inteligência do homem obstina-se em se cercear e, paradoxalmente, quanto mais apregoa a sua largueza e mais se narcisa nas suas momentâneas conquistas menos se enriquece. Talvez um dos ritmos da nossa hora seja a pobreza no barulho.

Voltará a humanidade à paz dos claustros para então se reencontrar.

Mas o «específico carácter» desta nossa hora é que os claustros se situam no âmago das multidões e é aí, aí mesmo, que haverá que semear a paz, dizendo a palavra lúcida, exemplificando, dizendo acções...

A palavra da Igreja, que primeiro se dirige à consciência, ao animico de cada um, envolve logo por sua mesma definição e carácter, a comunidade dos homens. E lembra-lhes que vivam a sua hora, olhos postos na Hora de Sempre.

Quanto [illegible] — «estar presente, servir a Igreja» — desenhais o mais nobre programa da juventude: viver plenamente a sua hora, vivendo sinoeramente a lei do Senhor Jesus.

A nossa hora é esta; a lei está na Igreja.

A Universidade diz o saber da hora; a Igreja ensina o saber de sempre. A Escola esclarece o viver; a Igreja enobrece a vida.

A primeira *é o momento;* a seguanda *é o sempre.*

Vivamos então, conscientemente, o nosso momento, confiadamente para sempre».

O último orador da sessão foi o S. D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Mitilene, que a assistência várias vezes interrompeu com entusiásticos aplausos.

Disse o ilustre Prelado:

O SR. ARCEBISPO DE MITILENE FALA DO APOSTOLADO UNIVERSITÁRIO

«Por graça de Deus, que não por natureza, cada homem é peregrino do infinito, que em sua alma se traduz por sede de imortalidade, de felicidade e de perfeição. É efémero, e deseja viver perpètuamente; sofre a inquietação de preocupações atormentadas e de dores angustiosas, e busca ansiosamente a luz serena da paz e do amor; sente o peso dos seus defeitos e das suas defecções, e conserva ainda o sentido das grandes virtudes que fazem o herói e, mais ainda, criam o santo. Por isso já se escreveu que, antes de ser sábio e antes de ser filósofo, o homem foi religioso.

Todavia, fàcilmente o homem desconhece, despreza ou desdenha a nobreza sobrenatural da sua origem e do seu destino, para vegetar em vida soturna de caprichos e de paixões, como se não brilhassem estrelas no céu, como se Deus não existisse.

Fronteiras da Ciência e da Fé

Conhece-se o desvairo do cientismo que, deslumbrado pelo clarão de invenções retumbantes, proclamou como axioma do universo a falência da metafísica e da religião, consideradas generosamente sonhos infantis da humanidade ignara. Depois, foi a reacção contra a exaltação delirante, analisando-se com fria objectividade a vida em todos os seus aspectos.

No ardor do combate, algumas vezes se registaram ataques imprudentes, como aquele de Brunetière que, reconhecendo a impotência dos sábios para resolver graves, dolorosos problemas do mundo e do homem, ousadamente concluiu pela bancarrota da ciência. Em calma atmosfera de reflexão poude apurar-se o que geralmente hoje se admite: que entre a ciência, tomada no sentido experimental, e a fé, não há nem pode haver conflito, por serem diferentes os seus fins, os seus domínios e os seus processos e métodos de trabalho;

que, entre o objecto da história, que é «todo o passado humano conhecido por testemunhos, organizados num sistema de relações científicas» e o objecto da religião, não pode haver colisões, porque a história começa por excluir dos seus quadros os dados da fé, como Deus, a Providência, a divindade de Jesus, a revelação e o milagre;

que, mesmo reduzindo a questão a mero fenómeno psicológico, o sábio não contradiz o crente, porque o espírito científico — de domínio, de crítica, de análise, de dúvida metódica —, e o espírito religioso — de dependência, de adesão, de síntese, de confiança se exercem sobre valores diferentes, e até sob muitos aspectos se encontram, «como dois ramos da mesma árvore, pertencendo ao mesmo tronco (...) manifestações necessárias do mesmo princípio humano»;

que a ciência, perante certos problemas, que até por definição não resolve, — como o problema das origens, o problema da vida, o problema da finalidade dos seres, (*élan* original lhe chamou Bergson), o problema da dor, o problema da consciência moral, o problema do destino — pode orientar o espírito na pista de Deus, vislumbrando horizontes de fé.

Renovo cristão nas esferas intelectuais

Newman, nota-o Tiberghien, achava pouco exacta a expressão: a ciência conduz a Deus. De facto, observa justamente este Autor, para ser sábio o homem não precisa de crer, e pode embrenhar-se indefinidamente nos problemas científicos em sua direcção fundamental, sem encontrar Deus. Mas a cada passo surgem enigmas para os quais, fora da fé, não encontra solução, e tal impotência científica sobre questões essenciais do universo e do homem pode provocar o primeiro movimento no caminho da fé.

Por isso o grande matemático H. Poincaré afirmou que ao longo das fronteiras da ciência flutua o mistério, e que o mistério é tanto mais denso quanto mais a ciência avança. Como escreveu o genial dramaturgo inglês, há um mundo de problemas que não consegue resolver a nossa pobre e vã filosofia. Não admiti-los, é pecado contra a luz. Não será também pecar contra a luz confinar as causas ao que vemos e sentimos?

No seu gabinete limitado, adstrito a fórmulas geométricas, o sábio sente a falta de ar e de luz que só pela fé se conseguem.

Certo é que, depois das negações formais e atrevidas do cientismo orgulhoso, se recomeçou nova caminhada no sentido espiritual. Em França, já se notou, a evolução das ideias vai do positivismo frio de Taine — o Autor que murmurou melancòlicamente ao acabar a leitura dum livro célebre de Bourget «a minha época passou», — ao misticismo de Péguy, de alma sempre voltada no sentido das alturas. Em Portugal, todos o sabem, bastará recordar o caminho percorrido pelos *Vencidos da Vida* e a atitude cristã de muitos formosos espíritos do pensamento contemporâneo. Em todo o mundo livre, e até para além da tenebrosa cortina de ferro, regista-se fenómeno idêntico. O renovo cristão nas esferas intelectuais é facto a assinalar.

Névoas no céu

Cândida ingenuidade seria supor que em toda a parte se recristianizou robustamente o ambiente social. Sem falar na apostasia das massas populares, escândalo dos nossos dias, como tristemente escreveu S. S. Pio XI, poderá afirmar-se com verdade que todo o alto pensamento está impregnado de convicções cristãs, ou mesmo de sentimento fortemente cristão? Nas escolas superiores, corporações de mestres e alunos, quantos são os que indefectivelmente crêem? quantos os que são baptizados? quantos os que têm a vida moral em harmonia com os princípios da fé? quantos os que exercem o dever de apostolado?

Com dados minuciosos, em inquérito rigoroso, a «*Vie Intellectuelle*» informava, há anos, que numerosos universitários nem sequer sentiam a mais leve inquietação religiosa. Em discurso célebre, dirigido aos universitários da Acção Católica Italiana, em 20 de Abril de 1941, S. S. Pio XII, depois de se referir «à lenta obra de desagregação causada pelo humanismo paganizante, pelo livre exame, pelo vão filosofismo do século XVIII, pelo idealismo e pelo positivismo do século XIX, contra os quais grita a realidade do mundo e do homem», descreve assim o panorama actual: «quantos campos de estudo e de investigação científica se têm desenrolado e dilatado fora de todo o contacto com o pensamento católico, sem ter em conta a revelação sobrenatural, difundindo-se num ambiente, se não sempre anti-religioso, pelo menos sem preocupações religiosas!»

Quando a centelha se fez incêndio

Longe de causar estéreis desalentos, o facto deve estimular o sentido apostólico dos universitários cristãos, cuja acção é capital na formação dos espíritos. Aliás, sempre as horas difíceis foram as horas das almas grandes. Em momento de crise aguda na vida religiosa da Universidade portuguesa, — o facto passou-se em 1901, um grupo de estudantes destemidos desfraldou a bandeira da insurreição contra a vaga da incredulidade desdenhosa levantada por filosofia corrosiva nascida na Alemanha e na França, e surgiu o C. A. D. C., de Coimbra, que foi o baluarte glorioso do ressurgimento cristão nas camadas juvenis das nossas escolas superiores. A centelha fez-se incêndio, e hoje os Organismos da Juventude Universitária Católica, masculinos e femininos, constituem realidade robusta com a qual podem contar a Igreja e a Pátria. A esses estudantes magníficos e aos diplomados que forjam a alma nas lides do apostolado está reservada missão decisiva na recristianização de Portugal.

Como observa S. S. Pio XII, no documento já citado, sem esquecer a importância das massas operárias, onde brilham espíritos de primeira grandeza e operam dedicações de generosidade heróica, «é facto patente e inegável que aos círculos universitários, às classes de cultura superior está reservado um posto singular, parte eminente na ordem social». E noutro passo: «Cérebro na vida dos povos podem dizer-se os que receberam formação universitária, os quais são os *maiores* ou *superiores* a que, a respeito da fé, se referiu São Tomás, para distingui-los dos *menores* ou *inferiores* que a eles aderem, os escutam, os seguem, recebendo deles a verdade e a regra».

Eles formam uma *élite* espiritual de que precisa a Igreja, como prolongamento da sua própria Hierarquia, para a evangelização do mundo.

Acima dos horizontes da ciência

Em palavras sumárias, resume-se o que se espera dos universitários cristãos, dentro da Acção Católica.

No campo das ideias, demonstrar que o pretenso divórcio entre a ciência e a fé não passa de ilusão. Na palavra de Pio XII, têm a missão de «restabelecer os contactos, reatar os laços, assegurar a penetração mútua dos dois mundos do saber — a alta ciência universitária e a luz revelada por Cristo».

Isto não significa, evidentemente, que o universitário católico faça apostolado com prejuízo dos seus deveres profissionais. A sua consciência profissional, que obriga ao cumprimento integral do dever, tem de ser aperfeiçoada pela sua consciência religiosa, que do próprio dever faz já acto de fé. Por isso, não será apenas um técnico inteligente e culto, mas um profissional exemplarmente conscienciosi.

Mas, para além das observações rigorosas, das pesquisas infatigáveis, das experiências dos laboratórios, considerará todas as coisas na sua harmonia universal com Deus. Deste modo, nenhum assunto é alheio à investigação do sábio católico (e a história regista como cultores da vanguarda da ciência uma pleiade inumerável de católicos). Mas o sábio católico, acima dos horizontes da ciência, de espírito geométrico, possui horizontes mais amplos, com claridades de infinito, nos quais só consegue penetrar o espírito afeito aos problemas da alma, no que ela tem de mais íntimo e sagrado.

No universitário, como em qualquer outro cristão, a fé não é luz distante e fria, que brilha sem aquecer. É fogo vivo que transforma o «homem velho» pela virtude da graça que a Mensagem cristã anuncia e produz. Também para ele a fé é caminho e vida. O caminho percorre-o pelo cumprimento exacto dos deveres para com os outros e na austeridade para consigo. Habituado à ascese que o estudo impõe, tem de estendê-la a toda a sua actividade. Só pela ascese, que é lei de perfeição, conseguirá realizar-se conforme o ideal que adoptou.

O universitário católico tem de ser um Apóstolo

A vida consiste principalmente na colaboração com a graça, que o Senhor generosamente concede, sobretudo pelos sacramentos, pela oração e pelo sacrifício. Longe de dispensarem o exercício da virtude, que é esforço, muitas vezes heroico, os pergaminhos universitários mais o reclamam, porque sempre pesam as maiores responsabilidades sobre os que estão situados em postos mais altos. Os primeiros nas honras, serão os primeiros no cumprimento dos deveres mais árduos.

Mas como todo o cristão, por imposição da fé e por exigência da caridade, deve ser foco de irradiação espiritual, também o universitário será apóstolo. E é de notar que tal apostolado, como observa Bergson, não é a simples fraternidade dos filósofos, de que se constroi uma ideia, para se fazer um ideal, nem mesmo a intensificação duma simpatia inata do homem pelo homem. Tal solidariedade realiza-se algumas vezes, quando não há incómodo para o indivíduo e para a comunidade, mas sem paixão. Esta solidariedade do apostolado — a palavra é do mesmo Autor — tem a sua origem no amor de Deus por todos os homens, porque, por Deus e através de Deus, o apóstolo ama toda a humanidade com um amor divino.

Tal apostolado traduz-se na palavra —luz, inteligente e oportuna, que atinge as almas, sem ferí-las; no exemplo encorajante e construtivo que sem coacções faz apelo para as alturas; na acção sacrificada e generosa que delicadamente põe as consciências perante os problemas da vida, fazendo erguer os olhos da terra para o céu.

É de lamentar que em País de tantas tradições católicas, não haja ainda uma Universidade Católica, lareira superior de doutrina teológica e de apostolado superior, que iluminasse e aquecesse toda a terra portuguesa — com lições, com livros, com revistas, com apostolado.

Mas, sentindo embora tal lacuna, louvamos a Deus por possuirmos hoje um escol notável de universitários católicos, de fé esclarecida e de vida irrepreensível. Poderemos dizer que é já grande o número dos universitários apóstolos, capazes de sacrificar-se para que no meio universitário e até no meio social se dilate o reino de Cristo? E a Igreja precisa destes apóstolos que, fortemente enquadrados nas Ligas e nas Juventudes universitárias católicas, procurem e encontrem a solução para os grandes problemas do universo e do homem, *sub specie aeternitatis*, e realizem acção inteligente e penetrante, junto dos seus colegas. Variadas são as profissões que exercem. Mas todos eles, conforme lembra S. S. Pio XII, possuem um vasto conjunto de conhecimentos variados e precisos; adquiriram aquela capacidade de discernimento pessoal, que é fruto de largo estudo e observação; aquele critério que gera a crítica metódica e rigorosa dos factos e das ideias; a faculdade de dominar os problemas mais complicados e difíceis. (...) As questões que a vida quotidiana da sua profissão lhes apresenta, não são problemas de escola que possam resolver-se com a mera aplicação de fórmulas comuns, já elaboradas, aprendidas e compreendidas duma vez para sempre; são problemas de vida activa, graves, complexos, com dados múltiplos e variáveis, que só está em condições de abordar e resolver um espírito de cultura superior».

Estas palavras tão justas mostram só por si a importância dos sectores universitários no apostolado da Acção Católica.

Seara da esperança

Depois de muitos anos de espectação e de sacrifícios, dum grupo generoso de jovens universitários, inaugura-se este Congresso. É como esplêndida aurora, carregada de projectos audaciosos e de claras esperanças. Mais não se conseguisse do que o árduo trabalho da sua organização e da sua realização, já seriam abençoados os sacrifícios que impôs.

Mas, para além dele, abre-se um mundo novo. Abnegada foi a sementeira. Por Deus, será abundante a messe promissora».

Palavras do Senhor Cardeal Patriarca

A encerrar a sessão, pronunciou breves palavras Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca que se congratulou pela maneira elevada como decorreu o acto inaugural do Primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica. Frisou que o lema não podia ser melhor escolhido, nesta hora em que o Mundo está a sofrer as dores do nascimento do Novo Mundo.

Estar presente! para que o Novo Mundo seja edificado, não na escravidão, mas na liberdade, na alegria, na paz, na bondade, na Verdade, no Amor. Sua Eminência disse que servir a Igreja — farol da Luz e da Verdade de Cristo — é autêntica libertação.

A terminar, o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira patenteou a semelhança das palavras católico e universitário e, por fim, exclamou: — Abriu brilhantemente este Primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica.

Toda a assistência vitoriou demoradamente, de pé, o Emmo. Purpurado.

Programa de hoje e de amanhã

O programa do Congresso da J. U. C. será hoje o seguinte:

Às 9 horas, na Sé Patriarcal — Missa e Comunhão geral, sendo celebrante o sr. Arcebispo de Mitilene.

Às 11 hs., no Instituto Superior Técnico — 1.ª reunião plenária: «Origem e evolução da Universidade», sendo relator o Prof. Dr. Guilherme Braga da Cruz, da Faculdade de Direito de Coimbra. Presidirá à sessão o Prof. Dr. Manuel Gomes da Silva, da Faculdade de Direito de Lisboa.

Às 15,30 hs., no Instituto Superior Técnico — 2.ª reunião plenária: «Fins da Universidade», sendo relator o Prof. Eng.º Manuel Correia de Barros, da Faculdade de Engenharia do Porto. Preside a esta sessão o Prof. Doutor Fernando Magano, da Faculdade de Medicina do Porto.

Às 21,45 h., no «Auditorium» do Instituto Superior de Agronomia — Serenata pelos estudantes de Coimbra presentes no Congresso.

*

Amanhã haverá o seguinte:

Às 9 hs., na igreja de S. João de Deus: Missa e Comunhão geral, sendo celebrante o sr. Bispo do Porto.

Às 11 h., no Instituto Superior Técnico — Reuniões parciais:

Organizações universitárias de estudantes;

Condição económico-social dos estudantes;

Problemas religiosos e morais dos estudantes;

O universitário e os problemas de estudo;

Problemas de vocação e preparação profissionais.

Os Membros da Comissão de Honra, os Membros de Honra do Congresso, os Congressistas Benfeitores e todos os convidados poderão assistir a qualquer destas reuniões parciais, o mesmo se verificando para as reuniões parciais do dia 18 de Abril.

Às 15,30 h., no Instituto Superior Técnico — 3.ª reunião plenária: «Vida institucional da Universidade», sendo relator o Prof. Doutor Inocêncio Galvão Telles, da Faculdade de Direito de Lisboa.

Preside a esta sessão o Prof. Doutor José Pires Cardoso, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

Às 18,30 h., no Cinema Império — Primeira exibição em Portugal do filme «Journal d'un Curé de campagne».

Os bilhetes serão distribuídos por todos os Membros do Congresso, mediante a apresentação do cartão respectivo, e até ao limite de lotação da sala.

Os votos paternais de Sua Santidade

(Continuação da 1.ª página)

tos outros, exige a autoridade duma competência pessoal, muitas vezes adquirida a preço de obscuras e pacientes fadigas. É tarefa das Organizações da Acção Católica universitária preparar para a Igreja e para a Pátria tais apóstolos, cujo pensamento, humilde e firme, se deixe prender apenas da verdade e cujo coração se abra largamente às necessidades espirituais e temporais de seus irmãos.

Confiando pois de todo o coração à maternal intercessão de Nossa Senhora de Fátima o futuro dos movimentos católicos da juventude académica portuguesa, o Santo Padre concede a Vossa Excelência e a todos os que participam neste primeiro Congresso Nacional uma paternalíssima Bênção Apostólica.

Queira aceitar, Excelência, a expressão dos meus mais devotados sentimentos em Nosso Senhor.

a) J. B. MONTINI
Pró-secr.